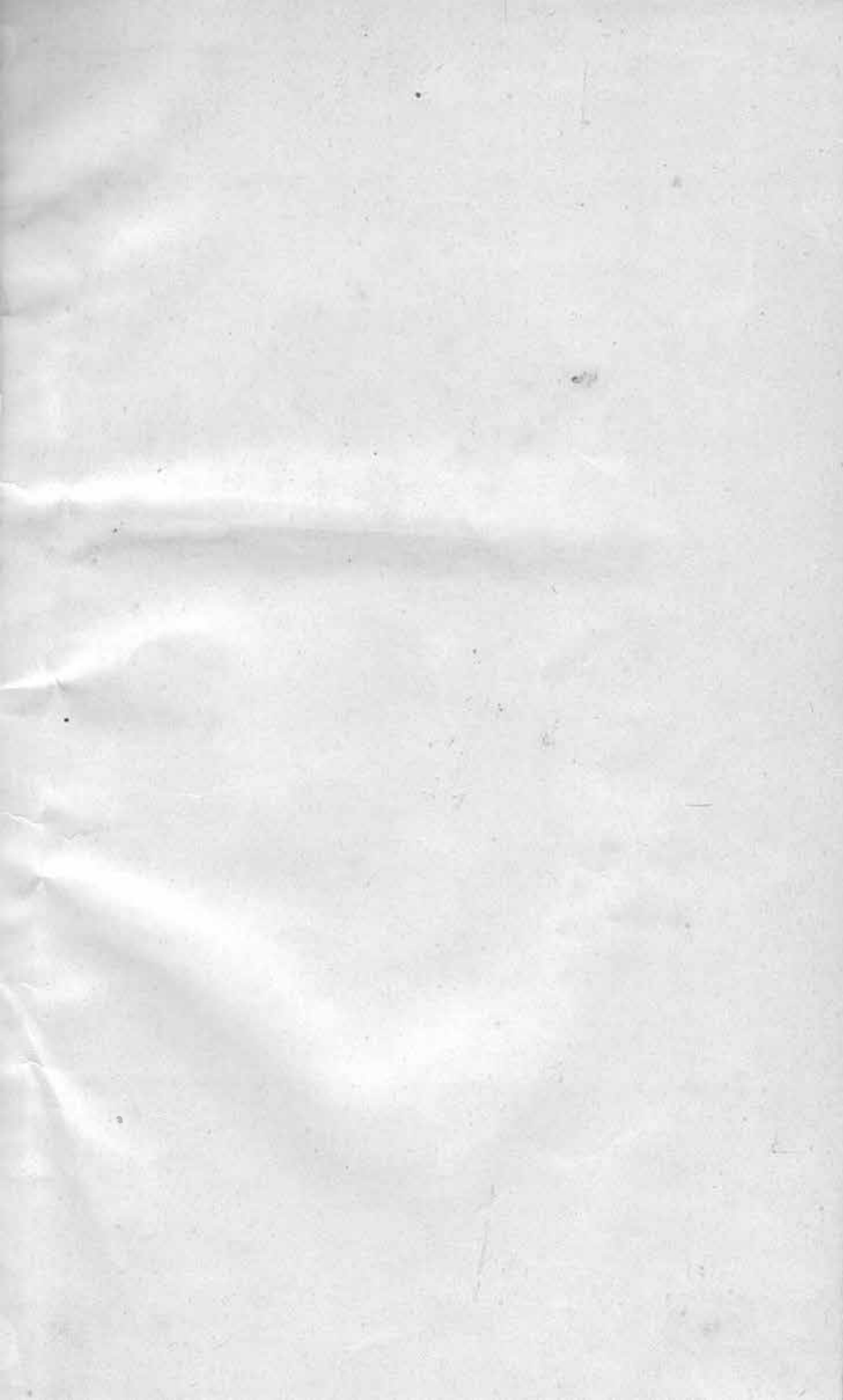






DR. NICOLAU JOAQUIM MOREIRA





O. V. P. JOSÉ D'ANCHIETA.

Lith. de J. Alves Leite Successores

REVISTA CONTEMPORANEA

DO

**PARTHENON LITTERARIO.**

CONSAGRADA A'S LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES.

---

COMMISSÃO DE REDACÇÃO.

APELLES PORTO ALEGRE.

AUGUSTO TOTTA.

APPOLLINARIO PORTO ALEGRE.

ARTHUR ROCHA.

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

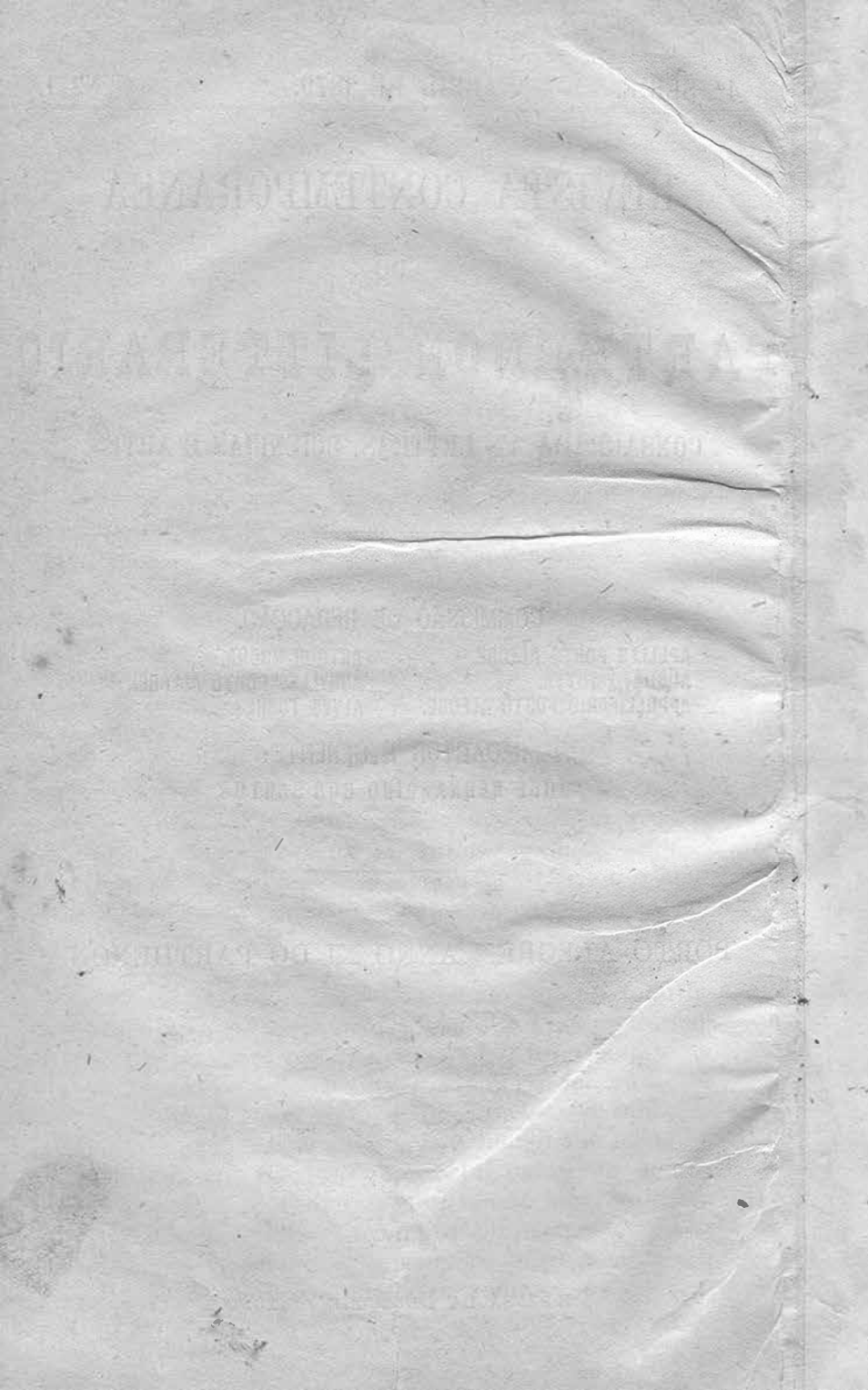
ALVES TORRES.

REDACTOR E GERENTE:

JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS.

---

PORTO ALEGRE. ANNO XI DO PARTHENON.



## Introdução.

---

Não é uma nova publicação, que aproveitando da oportunidade vem, especulativamente, occupar o lugar de outras, que desaparecerão, esta, cuja primeira pagina vos prende a attenção.

Não: não é um icógnito sobre o qual se possam suscitar duvidas.

E' ainda o *Parthenon Litterario*, o mesmo romeiro de ha onze annos, que erguendo-se do marco, em que descançára á beira do caminho, refeito de forças, tenta proseguir a jornada.

É ainda aquelle mesmo viajor ousado, que outr'ora, afrontando a indifferença e o egoismo, o sarcasmo e a duvida, se empenhou nas lutas da idéa, levando de vencida a ignorancia e o scepticismo que atrophiavão a sociedade rio-grandense, descortinando á sua mocidade novos e brilhantes horizontes.

É ainda aquelle mesmo cruzado de uma causa sancta, que a proporção que as intempéries desbotão as côres de sua bandeira, grava n'alma a primitiva, a gloriosa divisa, que tomou por motte de guerra:

„Non far tregua coi vili, il santo vero  
„Mai non tradir, ne proferir mai verbo  
„Che plauda al vizio, o la vertu derida.“

É ainda o mesmo lidador de outr'ora, que batalha pela causa da liberdade, tendo por engenhos de guerra a *palavra* e a *penna* e por castello roqueiro a *escola*.

É ainda o mesmo visionario, que sobraça a lyra á cujos accordes casa os hymnos á patria e á Deos! . . . .

É ainda o mesmo sonhador, que irá, quem sabe? pre-

cipitar-se com suas mais caras illusões no abysmo, ao estrugir das gargalhadas de uns, que unindo-se ao arruido de sua quéda, interromperá por instantes o silencio da indifferença de outros. . . . .

„Pobre louco, onde vais? suspende!“ talvez bradem-lhe aquelles, para quem „a moral e com ella o direito devem ceder alguma cousa á pathologia“ . . . . . aquelles, para quem são: — a honra, „a sempre cruel, a sempre pavorosa esphyngue das convensões sociaes“; — a perversão moral, „a simples consequencia de uma enfermidade do cerebro,\* as expressões: Deus, Providencia e immortalidade . . . . „*autant de bons vieux mots, un peu lourds peut-être, que la philosophie interprétera dans des sens de plus en plus raffinés*“\*\*; a liberdade e o pensamento, „um predicado da materia devidamente organizada para produzir esses phenomenos\*\*\*.“

„Insano, detêm-te! até onde levas o arrojo de tua propaganda ruinosa, que estremece a fé, que derroca os templos, sob cujas naves sacrosantas jazem os restos de teus maiores? Suspende, impio, antes que os raios da colera divina se desenfeixem sobre tua cabeça“ bradar-lhe hão outros horrorisados.

*A lastima* ou a irrisão dos primeiros, os anátheas e os esconjuros dos ultimos, não o desviarão porém da senda, que tem trilhado e quer continuar a trilhar.

Proseguirá além e ovante. . . . E se algum dia, extenuado pelos sacrificios, morder o pó da estrada, que, ao envez de Bayard, voltem-no para traz, afim de que a sua retina stereotype nas ultimas imagens: a *escola*, a *bibliotheca* e o *muzo do Parthenon*, *circundados pelas cincoenta crianças, que elle remio da escravidão*.

Deixae-o pois passar. Ensinae-lhe o caminho, se vae perdido; dae-lhe a mão se precisar de arrimo; acalenta-o ao fogo de vosso patriotismo se alguma vez o desanimo vier enregelal-o.

Respeitae essa crença profunda, que transuda de sua alma como a aureola de luz da fronte do predestinado; respeitae essa crença, que o fez heróe nos campos sangrentos dos combates, como o fez heróe na luta incruenta do tra-

\* *Funcções do cerebro*, do Dr. Domingos Guédes Cabral.

\*\* Palavras de *Renan*.

\*\*\* *A philosophia no Brazil*, de Sylvio Romero.



balho, pela abnegação e civismo, e sempre que a causa da humanidade e da civilisação exigirão-lhe a prova de sua dedicação.

Acolhei-o pois, benignamente, sem receio de que va á bolsa embarçar-vos as especulações mercantis, molestar vossas industrias . . . . de que se revista com a *pelle de carneiro* para concorrer comvosco á distribuição dos premios, dos privilegios, das recompensas . . . . de que favoneie as paixões para gozar a chiméra das ovações truanescas. . . .

Não: nada disso vos assuste . . . . Quando muito, bater-vos ha a porta implorando á vossa philantropia um exiguo óbulo para libertar um escravo, ou comprar un livro em que ensine a um mais ignorante do que elle.

Consenti tambem que vossa familia o acceite no trato intimo, porque para elle o lar domestico é tão sagrado como a idéa de Deos . . . . deixae que lhe falle pela poesia e pelo romance essas palavras suaves, castas e delicadas, que lhes desperta o amor ao estudo e a pratica das nobres acções, sem que lhe desoque n'alma as crenças, como o naturalista em seus hervarios os lyrios que vicejavão a beira da lympha trépida, que serpeia no prado.

---

## José de Anchieta.

---

### I.

Escrever uma biographia, embora a traços ligeiros, já não é de per si trabalho de pequena monta; mas n'ella estereotypar a physionomia d'um notavel heróe do gremio catholico, relevar-lhe as virtudes, fâzel-o realçar em todo o esplendor da gloria na téla dos acontecimentos, n'uma época em que os apódos chovem copiosamente sobre a igreja, é taréfa bastante improba, senão rodeada de graves inconvenientes.

O catholicismo passa entre nós por uma terrivel crise, quer pelos erros dos que o dirigem e nem sempre se deixão guiar pela fria e calma reflexão ou pelos exemplos da experiencia, quer pelo atheismo que importamos dos mercados estrangeiros nos livros, que não prégão uma sciência nova, ou ao menos regenerada e sim a immoralidade da pôdre civilisação ultramarinha, que de maneira alguma devia influir nas jovens e vigorosas raças americanas. E nós emancipados sob o ponto de vista politico, moralmente somos escravos de todos os prejuizos que se debatem na scena européa; e para mais resalto, apesar de ahi encontrarmos pensadores honestos, espiritos sensatos que se oppõem com mascula energia á torrente corruptora, propendemos sempre para o lado da falsa doutrina, do philosophismo de alguns reconstructores de systemas muito antigos, hoje apresentados com roupagens e atavios á moderna.

Somos dos que querem a separação da igreja do estado, a secularisação dos cemiterios, o casamento civil, enfim, no que é concernente aos cultos, a mais ampla liberdade.

Queremos isto e no entanto não soffremos com paciencia a offensa diaria a um crêdo á que pertence quasi na maxima parte todo o paiz.

Queremos isto e não somos catholicos, não pertencemos a seita nenhuma das que existem organicamente constituídas; pois n'ellas não deparamos com o nosso ideal religioso, com as fórmulas de nossa crença, com a luz que deve aclarar-nos no caminho da verdade. Somos deistas e só.

Queremos isto, porém admiramos e rendemos preito a todas as abnegações, a todos os nobres actos em prol da humanidade. Ou sob o aspecto grosseiro d'um fetiche, ou sob a grandeza colossal de Vichnú, ou na mesquita ou no templo, pouco importa-nos a exterioridade, vamos saber directamente da pureza das intenções, do resultado efficaz no desenvolvimento historico d'um povo.

Para passar por espirito adiantado, é moda invectivar systematicamente o catholicismo, atirar chufas ao cléro e ao ceremonial liturgico. Fazer o contrario dá margem a commentarios de máo cunho, a ser considerado ultramontano ou como um fossil das primeiras camadas.

Não seguiremos o chavão da cantilena, vamos desviar-nos da vereda geralmente trilhada; porque a tolerancia que tanto apregoão e preconisção, sem jámais pol-a em pratica, sem mesmo comprehendel-a, dará a medida do sanctuario de nosso fôro intimo e o como respeitamos os dictames de alheia consciencia.

É de uso corrente fallar em liberdade, declamar largamente sobre o assumpto com auxilio de lugares communs já bastante gastos pelo abuso d'elles em milhares de annos, no mesmo jornal em que se annuncia a venda e compra de escravos, o mais revoltante attentado contra a mesma liberdade, o protesto mais energico contra o insciente autor de artigo edictorial. Proclamão n'uma columna a mais extensa tolerancia e na seguinte trazem o mais formal desmentido n'um ataque desabrido e intransigente. Isto no campo theorico. Na pratica, o que sevicia as victimas do captiveiro, falla enthusiasmicamente de manumil-as. O materialista de nomeada encabéça subscripções para erigirse uma capella, cujo orago vai esmerilhar no livro dos bol-landistas.

Por toda a parte a incoherencia, o absurdo em acção! Somos um povo sem religião e sem costumes, conse-

quencia da servil imitação de paizes caracterisados por vícios, que são anachronicos com a joven America.

E nos máos tempos que correm, periodo de enfermidade moral, onde a pathologia historica reconhece symptomas assustadores e tira por unica illação fatal diagnosis, procurar combater o virus que propaga-se rapido na economia social, é um dever que incumbe a todos, cada qual na razão de suas posses.

Do chaotico tumultuar de opiniões na actualidade, da ebullição do pensamento nos differentes circulos, do constante fluctuar da crença nas almas, por ventura nascerá amanhã o futuro com intuitos firmes, róta certa e passo seguro. Será laboriosa a gestação, entre estremecimentos convulsivos, vascas terriveis, mas elle irromperá, deixando após si um rastro lúgubre em milhares de consciencias calcinadas nas proprias fogueiras que accenderão, em comoros de ruinas ainda tremulas do recente cataclysmo. Atraz, isto. Além, o horizonte diáphano e esplendido, e o homem rejuvenescido ao sopro creador da nova fé.

Nós, a mocidade, não devemos esperar os acontecimentos inevitaveis com os braços cruzos e a fronte immobilisada na apathia que deshonra.

Devemos ir encontral-o, desbravando o caminho, combatendo corpo a corpo as calamidades do presente.

Entre estas a que mais se accentua, a motora de tudo, o daltro incuravel, o flagello que inficiona o individuo, contamina a familia, corrompe as mais santas relações e acaba por inquinare um povo, o atheismo, emfim, que é a negação de toda e qualquer doutrina religiosa, a proscricção dos principios de moral; elle que tem uma historia de lucto na mortalha em que envolveo as civilisações braminica, grega e romana e em que sepultará o Evangelho; elle que nem sequer tem um martyrologio, porque tudo esterilisa a suas pégadas, e que, se alguma cousa produz, são deformações; o atheismo é o inimigo commum á que deve-se fazer guerra de exterminio, sem trégoas, como quando trata-se de debellar uma enfermidade no corpo. *Ad extremos morbos, extrema remedia.*

O Parthenon Litterario que respeita todas as áras e quer descer á liça para combater o mal que nos afflige é vai lento e lento corroendo o que nos resta ainda de bonnas instituções, irá apresentando em sua revista os lumi-

nosos vultos, cujo amor pela humanidade, cujo entusiasmo por uma ideia, aureolou-os de estemma immarcessível.

É a argumentação poderôsa nos campos da historia, a canonisação dos sublimes caractéres que deixarão de viver para si, para viver nas obras da causa que um dia abraçarão.

Esta série começa por dar o retrato e a biographia de Anchieta.

No Pantheon dos ferozes iconoclastas ha figura mais diáphana e pura que o celebre Jesuita?

## II.

O que são os Jesuitas?

Ha no portuguez, uma palavra, cujo thema é Jesus, o nome que synthetisa divinas virtudes, e cuja derivativa — jesuitismo — é a anthithese negra. Notavel metamorphose d'um mesmo vocabulo! Porque o verbo magico devia tornar-se a senha satanica?

A explicação é historica, é analoga ao *escobarderie* francez, de Escobar, aliás digno de outra consideração.

Em 1534 lançando Loyola os fundamentos da Companhia de Jesus, esta confraria religiosa ergueo-se de subito assoberbando a todos os dominios da intelligencia, a todos os poderes da terra, a todos os paizes, mesmo os ignorados na profundeza dos mares.

Homens em sua maxima parte dotados de engenho, espontaneamente divorciados da vida, desprendendo-se dos gózos materiaes para sonharem com o éden das delicias eternas, alienando totalmente a vontade ao fatal *perinde ac cadaver* da ordem que admittia um só pensamento motor, efficiente, a reger como por meio de incensuravel mechanismo a milhares de espiritos, e isto n'uma época, que, com a descòberta de novos mundos, a vertigem de aventuras tambem os tomava com o intuito de levar a luz evangelica á noite da gentilidade — e eis os Jesuitas.....

Eil-os obedecendo não só ao mando do chefe, mas á irresistivel fébre do seculo.

Nem as avalanches polares, nem os incendios da zona torrida, nem a ferocidade dos desertos, nem a braveza de indomitas tribus, nada os detinha. Com o breviario e o

crucifixo, por leme e bussola, viajantes sem um resquicio de pavor, pois a morte a querião, a disputavão, e não naturalmente, mas em atrozes torturas pela fé, lá se internavão no coração da tenebrosa Cathay, nas mysteriosas montanhas do Preste João, nos pantanaes da Nova Bretanha e do Paraguay.

Os descobridores implantavão o padrão das armas de seu paiz nas costas; elles ião além, muito além, no ímo do sertão, fincar a cruz do Golgotha, regal-a com o suor de fadigas supremas e as mais das vezes com o sangue do martyrio.

E depois — terríveis e inabalaveis soldados na catechese! Não vencião senão com a doçura da voz, senão com a logica ardente do crente sincero, com a linguagem da paixão, cujos tons se reflectião nos módulos, no gesto, e trazião quasi sempre o adversario subjugado, attonito.

Era o periodo do heroismo.

Era a quadra luxuriosa dos novos levitas do Nazareno.

Depois com os triumphos incessantes, com o fluxo de prosperidades, erão homens, a ambição do poder universal começou a lavar-lhes no seio; e, quando ella mina, infiltra-se, largamente estende-se, a cegueira desce sobre os olhos e caminha-se em uma estrada, cujas orlas são fascinadoras perombeiras.

Os maiores genios naufragarão contra este escolho no meio do oceano agitado das paixões. Todos os Pausanias depararão no fim da carreira com a porta emparedada; todos os Napoleões tiveram a rocha de Santa Helena por sepulcro.

Ha uma aspiração legitima no cérebro do homem, é quando elle quer a autoridade e o governo para repartilos entre todos os membros da commuidade, para pelo influxo de seus talentos e nobre coração imprimir movimentos benéficos, derramar a maunças a felicidade e a alegria: ella chama-se Aristides ou Washyngton. Desde que vai além, exaggerou-se, excedeo o alvo, procura apenas a autonomia pessoal com a annullação da dos outros, quer consubstanciar em si todos os elementos de vida, o maior co-efficiente de liberdade, d'ahi o desequilibrio, a anarchia e consequentemente a destituição da vontade que arrogava a si um direito tyrannico.

Assim aconteceu aos discipulos de Loyola. Um dia

julgarão-se senhores do mundo, dia nefasto que os perdeu para sempre!

A roupeta, symbolo de amor e caridade outr'ora, passou a ser a aza negra do abutre pairando sobre a innocencia, sobre o destino das gerações.

A' phase de serena paz de espirito succedeo o reinado atribulado d'uma existencia temporal incompativel com as vistas da companhia.

A missão gloriosamente preencheda por Francisco Xavier, Nóbrega, Aspicuelta, Luiz Figueira, Ricci, Parenny, Daniel e tantos outros, sahio das fragosidades do deserto para os tapetes das côrtes metropolitanas, deixou de ser um fim de progresso, para transformar-se n'um instrumento manejado por moveis inconfessaveis.

A deturpação da verdade por meio do veneno d'uma casuistica que a palavra e o escripto eloquente vertião no animo da turba néscia e desprevenida, a intriga nos paços, o ferro homicida, tudo isto entrou em jogo.

Ainda no seculo dezesete apparecem os luzeiros da esphera scientifica: Bourdaloue, no pulpito; Bonhours, na critica; Vanier e Porée, na poesia; Jouvency, no ensino; Duhalde, na geographia; André, na philosophia; Sismond, nas antiguidades; Montoya e Holguin, na linguistica. Forão astros entre as grossas nuvens da procella.

Tremendas accusações então pairavão sobre elles.

O parlamento francez indigitava Varade como o instigador de Barrière na tentativa de assassinato contra Henrique IV.; na subsequente de Chatel ainda elles se acharão implicados.

Na Inglaterra na conspiração da Polvora, Garnet e Oldecorne forão ao patibulo.

Malagrida, em Portugal.

Na demarcação dos limites das possessões d'este ultimo estado com as da Hespanha, na America do Sul, armarão indios e resistirão, como senhores de juro e herdade do territorio em litigio.

São estes factos capitaes que sobretudo actuarão para o aresto de ostracismo, que todas as potencias successivamente lavrarão contra elles.

Ultrapassarão as raias do dever, cahirão.

A preponderancia almejada na visão theocratica era absurdo, mórmente com os meios empregados, como é ab-

surdo o regimen monarchico, a escravidão e todo privilegio sob qualquer aspecto que se apresente. O planeta pertence a todos, e a liberdade só encontra fronteiras na propria liberdade.

Tratando, pois, de Anchieta, sem attender ás insignias da classe, renderemos homenagem a uma individualidade gloriosa nos annaes da patria, a um grande obreiro de nossa nacionalidade.

Para o merito que desdobra tão válidos titulos, jamais nos falta a inspiração.

**Iriema.**

*(Continúa.)*



## Estudo litterario.

### Litteratura brazileira.

#### I.

(Povos primitivos. Lingua brazilica: suas modificações, perfeição e decadencia.)

Não pretendemos n'este perfunctorio estudo litterario remontarmo-nos ás epochas pre-historicas, que testemunharam a expatriação das hordas semiticas para o Oriente.

Sem que ellas deixassem vestigios materiaes como deixarão as que emigrarão para o Occidente, está entretanto provada a sua passagem pelo actual estreito de Behring.

Confirmação-n'a exuberantemente as recentes investigações historicas e geographicas, philologicas e ethnographicas, que demonstrão a mais perfeita affinidade da lingua geral d'America com a egypcia e suas immanentes.

Não podenos siquer ir aos palimpsestos do Mexico e do Perú inquirir os colossaes testemunhos da civilização grandiosa dos aztecas e incas; mas é-nos imprescindivel dever, á nós, os brazileiros, irmos encontrar na travessia dos Andes as varias tribus da grande familia Quichúa, que desaggregando-se do famoso Imperio de Manco Capalco invadirão a grande porção do Novo Mundo, que coube, por partilha do acaso, a corôa d'El-rei D. Manoel, o *Afortunado*.

Forão os *Tupys* os *pelusgos* d'America meridional. Formavão elles a grande horda invasora, que devia, subdividindo-se em dous grandes grupos ou nações, dominar os massiços que entretecem a norte, sul e leste a rede hydrographica de que formão-se o Amazonas, o S. Francisco e o Prata.

Os autochtones acossados por elles, que sob os nomes de *Tupy* (povo de Deus) e *Guarany* (povo dos valentes), os repellião para as costas do Atlantico, dando-lhes formidaveis batalhas, terião de todo desaparecido se o *descobrimto* de Cabral os não viesse providencialmente soccorrer. Erão estes os *Aymorés* ou *Tapujas*, assim chamados pelos invasores, que no vocabulo *tapuya* significavão *inimigo*; os quaes, devido talvez a pugnaz perseguição que soffrião da raça irmã, tão facilmente se alliarão aos europeos para escapar a sanha canibal d'aquelles.

Oriundos porèm, de um mesmo tronco, pertencendo á uma mesma familia, ainda que separados pelo tempo, pela distancia e pelo odio, tinhão todas essas tribus dialectos diversos, mas com raizes de uma mesma lingua, que, apezar de suas modificações e da grande copia da nova terminologia de cada uma, foi facil reconstitui-la á perspicacia e illustração da Companhia de Jesus.

Estudarão-n'a e lhe tecerão entusiasticos encomios Ferdinand Denis, Humboldt, Martius, Chateaubriand, Gavet, Bucher, Spix, St. Hilaire, Lery, Thevet, Hans Staden, d'Orbygny e tantos outros illustres sabios e viajantes estrangeiros. Forão accordes reconhecendo n'ella todas as propriedades para a manifestação do sentimento e do entusiasmo, que lhes despertava a natureza do Novo Mundo e a poesia das scenas e da vida intertropical, pela sua flexibilidade de pronuncia.

Do exame dos diversos dialectos da lingua brazileira, disse o illustre General Bellegarde: ....conclue-se que sua semelhança reside menos no vocabulario, elemento variavel especialmente entre hordas ou cabildas separadas por grandes distancias ou guerras implacaveis, do que na sua estrutura grammatical, que parece ser a mesma."

Dos seus vocabulos *tupy* e *guarany*, como prefixos, formarão com terminações qualitativas as denominações dos seus descendentes, e do gráo de estima ou odio que se votavão. Assim as denominações: *tupynambás*, *tupyninkins*, *guaranazes*, *guaycurús*, *garrayos* etc., ou ainda exprimem o gráo de parentesco como *tamoy*, avó, *teminino*, neto etc.

Esta lingua foi o verbo de uma civilização adiantada de que restão ainda testemunhos nos grandiosos monumentos do Perú, Equador e Mexico: n'ella fallou e cantou a America primitiva até que no seculo XVI, submettida ás

fórmulas grammaticaes por Montoya, Figueira e Anchieta, restaurada em seu purismo, alcançou d'elles o que lhe faltava para sua perpetuidade: o cunho graphico. Passou assim a lingua da tradição verbal a ser a lingua da chronica escripta.

Na expressão de um dos nossos mais illustres e benemerentes litteratos, o Sr. Norberto de Souza e Silva, foi essa lingua „estudada e mereceo os elogios dos Anchietas e Vasconcellos, Figueiras e Pettendorfs, Araújo e Laets, chamando-a de *grega* pela semelhança de seus vocabulos compostos; elles admirarão-n'a pela delicadeza e harmonia de seus sons, pela cópia de seus termos, pela concisão de suas phrazes e docilidade de sua pronuncia, e n'ella fizerão ouvir eloquentemente no seio de suas florestas a *Tupan-encheenga* (o Evangelho) como se dicessemos a phraze — a falla de Deos.

„Essa lingua porém, em que as canções de guerra e da vingança — continúa ainda o mesmo litterato — ou as endeixas de amor e da lascivia, forão substituidas pelos Jesuitas em hossanas e hymnos sagrados, introduzindo como nota Ferdinand Denis — os rythmos de um idioma estrangeiro em uma lingua flexivel e compondo versos brazilicos com pensamentos christãos;

Essa lingua, de que ainda hoje fallão rudes dialectos os aborigenes internados e alguns povos seus originarios, como os entre-rianos, paraguayos, bolivianos e outros; que foi fallada e escripta em seu purismo por mais de seculo e meio; que foi a lingua official da catechese, em que se pregou a palavra do Evangelho no templo das reduções jesuiticas e na taba brazilica; a diplomatica entre Tamoyos e Portuguezes reconciliand-os, e dando exito á empreza de Mem de Sá;

Essa lingua que fallarão cultos europeós, e cultamente os naturaes; na qual se inaugurou a poesia, o theatro e a historia no Brazil; que firmou a conquista da civilização; que preparou a nossa nacionalidade, e assignala hoje, como assignalará para sempre o theatro de nossos grandes feitos; que occupou a cadeira de reitores illustres nos collegios e seminarios; que foi preparatorio exigido áquelles que se dedicavão á carreira ecclesiastica, unica aberta aos colonos, e que tanto illustrou aos brazileiros; — cahio no olvido, e até faz hoje rir a mais de uma empavesada mediocridade academica!

Mas ha por ventura razão, que justifique esse rir esto lido, e por que não dizel-o, — alvar?

É a lingua portugueza tão perfeita, que não precise enriquecer-se com os novos elementos, já scientificos, já consequencia das necessidades creadas pela assimilação das novas raças?

Podemos nós, os brazileiros, descrever as scenas de um mundo novo, — manifestar o que sentimos, e que Portugal não experimenta, não póde comprehender, e nem se quer conhece, — com os sós vocabulos da lingua herdada?

Não. E a prova ahi está palpitante: na differença da pronuncia dos dous povos irmãos; e em nós nos servirmos de mais de quatro mil vocabulos, cujas raizes não são de origem luza, latina, nem mesmo sanscrita.

E a prova ainda ahi está evidente em que servindo-nos de iguaes palavras designamos cousas distinctas.

Nem nos digão os *classicos* que queremos deturpar a lingua com a enxertia de neologismos, de vocabulos barbaros.

O argumento cahe por si mesmo. Isso seria tornal-a estacionaria.

O latim, a lingua do seculo aureo d'Augusto, no seculo V de nossa era, estava profundamente transformada pelo contacto com as hordas barbaras, que dominavão o meio dia da Europa. E desde então até o seculo XIV essa *lingua barbara* foi a *lingua sabia* por excellencia. Dous seculos trabalharão todos os povos cultos para tornal-a ao primitivo purismo. O resultado qual foi? Passar a ser a lingua lithurgica da igreja catholica: tornar-se lingua morta.

Da transformação da lingua latina em linguas *romances* veio a subdivisão das linguas *d'Oil* e *d'Oc*, de que se originarão o francez, o italiano, o hespanhol, o portuguez e o valacho.

Portugal constituindo-se nação em 1140; obtida a sua autonomia politica; curou immediatamente de alcançar a autonomia litteraria. Assim os seus primeiros escriptores expurgando a lingua das raizes barbaras, procurarão latinisal-a a todo o transe.

Mas isso era já impossivel. — A nova lingua ficou no labio do mosarabe — de onde subio ao dos cortezaos de D. Affonso e passou a ser a lingua official com D. João I.

Assim, e inevitavelmente, o portuguez na America se modifica de mais em mais.

A lingua nacional do Brazil *ainda é* a portugueza, mas já vai d'ella tão distanciada, que não será um paradoxo concluir-se — que, em epocha não mui remóta, os naturaes da velha metrópole e os da sua ex-colonia se não entenderão mui facilmente por fallarem — não *dous dialectos* de uma mesma lingua, mas *duas linguas distinctas*.

Essa transformação progressiva irá, como foi a portugueza buscar os thesouros para enriquecer-se no Oriente, apropriar-se dos elementos de sua futura prosperidade na lingua, que fallou e ainda falla hoje a raça autochtona; raça que infelizmente se extingue, e não pela assimilação da civilisação, mas perseguida e aniquilada por ella.

Essa lingua porêem, que hoje ainda se despreza, que de mais em mais se ignóra, e que hade acabar por perder-se talvez, deixará aos posteiros tréva impenetravel, na qual se perderão tambem os primeiros vestigios d'esta civilisação, que a ella deve tudo: originalidade, belleza e nacionalidade.

„Aquelle, diz o illustre ethnólogo Dr. Couto de Magalhães — que tiver a rara fortuna de comprehender os „actuaes dialectos das tribus selvagens do Brazil e lhes es-  
„crever os costumes taes como forem indicados pelas suas  
„linguas, gozará do espectaculo sublime de contemplar á  
„vida da humanidade em tempos de que não ha outro ves-  
„tigio historico além de um ou outro fragmento, que a tradição  
„conservou imperfeitamente desse remóto tempo, que ante-  
„cede por seculos a arte de escrever.

„Como o sanscrito para os Brahmanes, foi o tupy ou  
„guarany o grande instrumento dos Jesuitas; foi com elle  
„que se fizeram os prodigios de catechese de que resultarão  
„as nações americanas, que fallão hoje o hespanhol e o por-  
„tuguez.

Daymã.

(Continúa.)

# Bertha.

## Scenas do captiveiro.

### I.

Soberbo e imponente é o aspecto selvagem da natureza de Cima da Serra.

Tudo ahi é grande, tudo ahi revella a magestade dessa região esplendida.

O topo altivo das mattas seculares, que rasga o bojo das nuvens que, a mercê das ventanias rolão na infinidade dos espaços; a corrente estrepitoza que desce do ápice dos serros por entre as aréostas de granito, o bramido horrivel da féra no fundo dos abysmos medonhos, o farfalhar aterrador das arvores que se dobrão sob as mãos possantes do tufão, o aspecto horrendo das tempestades que ali reinão constantemente, o estampido do trovão e a chamma do relampágo, que parece lavrar o incendio nas florestas gigantes, que assorberbão aquella zona opulenta, tudo isto caracteriza com fidelidade a harmonia solemne e magestoza do norte da provincia.

A parte meridional apresenta, porém, um contraste, uma verdadeira antithese.

É a planura sem termo, levemente ondulada e cujas raias parecem extremar nas curvas dilatadas do horizonte; é uma outra natureza, uma outra physionomia mais suave e graciosa.

Aqui a natureza é mais risonha; a saphira do céu anila os caudães de crystal, que murmurão docemente, e ao reflexo dos astros rebentão em laminas luminosas; nas var-

zeas sem fim, a êma descuidosa contempla a extensão que a cerca, mas se um ruído estranho quebra o silencio do deserto, ella desaparece mais veloz que um raio; á beira dos lagoões solitarios as aves de arribação se estendem, em bandos, enquanto o jacaré entre as macégas da ribanceira se aquece aos raios do sol.

Aqui o homem vence as distancias á luz do sol ou ao clarão do luar; não teme a emboscada do assassino, nem as garras da onça bravia.

E em Cima da Serra é o contrario.

Perdem-se horas inteiras na travessia de escalvadas e estreitas e escuras picadas, onde um raio do sol se quer illumina. A noite reina no matto, nem uma nesga do céu se descobre debaixo do emmaranhado das arvores alterozas que escurem a terra. A cada momento se ouve no fundo impenetravel dos madembes o baque de uma pedra que resvallou do alto dos serros, o uivo medonho da anta que foge esbaforida e na carreira vertiginosa em que se atira, estala, quebra, derruba e arrasta as galharias pendentes.

Ahi o peito se contrahe. Cada folha que cáe, cada passaro que foge presentindo o nitir do ginete, estremece de susto o coração. Teme o homem a emboscada do bandido, ou o bote certo da cascavel, que não se vê nessas noites eternas que ahi reinão.

Oh! campinas idolatradas do sul, enórme oceano de esmeralda onde o guasca, novo Neptuno [ahi domina e os homens não temem, á ti, sómente á ti, rei do deserto, os meus preitos de homenagem!

---

## II.

### Um bosquejo.

Nos campos de Cima da Serra estava situada a fazenda de Gabriel Pereira, um dos mais ricos estancieiros da provincia.

Esta importante propriedade o major Gabriel não devia nem a seu tino administrativo, nem tão pouco ás fadigas cruentas de um incessante trabalho.

Foi a unica legitima que seu pae lhe deixára, unica é certo, porém immensamente valiosa.

Quando o pae de Gabriel entrou no dominio dessa es-

tancia, já foi no último quartel de sua vida. De simples peão, passou um dia, embora na velhice, a ser o dono dessa propriedade, que lhe era tão querida, porque ali nascêra, pobre e abandonado e chegára mais tarde a conquistar uma posição independente, que era o seu sonho e a única aspiração que o encorajava no mundo.

O herdeiro porém em pouca conta tinha as contrariedades e privações porque passára o velho durante uma vida longa e sem mácula.

Não queremos dizer com isto que o seu filho era um perdulario.

Longe de nós semelhante injustiça.

Expliquemos-nos pois.

O major Gabriel, como seu pae, interessava-se muito pela prosperidade da estancia, com uma unica differença: o velho ganhava para juntar e o filho para repartir. Um habituára-se a augmentar as suas rendas, ao passo que o outro só se esforçava para conservar illeza a fortuna que herdára. Era pois tambem um nobre esforço.

Penetremos agora na estancia.

Sobre um serro a estancia se desenhava cortada em diversas direcções pelos braços do rio das Antas e do arroio Soccorro. Era um terreno fertil e apropriado para pastagens de gado.

Nenhuma fazenda, n'aquelles arredores se achava no estado d'esta, não só pela extensão que abraugia, como pela uberidade do solo e grande numero de vertentes dissimuladas nas melhores condições de pastoreio.

A casa era velha, porém solida e pezada como toda a construcção dos tempos colóniães. Apesar de ter o pé direito escasso, apresentava comtudo uma bonita e imponente apparencia no topo do serro. Na parte posterior e nos lateraes corrião os galpões da senzala e outras accommodações separadas da moradia do proprietario, por uma vasta área, povoada de um sem numero de gallinhas e perús entregues aos cuidados das pretas velhas da estancia. Rodeavão os galpões e as outras dependencias, prolongadas alamêdas de ameixieiras, macieiras e pecegueiros, que constituíão as unicas arvores da quinta.

No fundo da quinta corria um braço do rio das Antas. A estancia estava pela natureza separada do pomar.

Proximo á corrente, do lado da quinta, entre umas



vellas macieiras, descobria-se uma pequena palhoça. já bem carunchosa, mas pittoresca e poética.

Foi ahí que nascêra e creára-se o velho Pereira, e como uma recordação de seu passado, elle votava ao pobre rancho, onde vira a luz do dia, o mesmo amor e interesse que ligava á casa de pedra em que morava. Aquelle rancho velho mas tão rodeado de cuidados, era o primeiro capitulo de uma existencia nobilitada pelo mais insano trabalho e ennobrecida pelos exemplos mais edificantes da virtude.

Eis pois o rapido bosquejo da estancia do major Gabriel Pereira.

Alfredo Gonzaga.

## Fragmentos de um Poêma.

### Invocação.

Un Idéal succède à un autre Idéal.

E. QUINET.

A Muza do passado, a sombra luminosa  
Que povoou de Homéro a noite pavorosa . . .  
Que estendeo a Virgilio a vigorosa mão,  
Guiando-o pela estrada em flor da inspiração;  
E mais tarde, soltando as azas pelo espaço,  
Chorando penetrou no cárcere do Tasso;  
A Muza triumphal dos grandes idéaes,  
Que descia com Dante ás trévas *infernaes*,  
Ou com Milton subia ao claro *Paraizo*,  
Aonde o beijo é flor, e aonde a flor é rizo! . . .

A Muza do passado — a filha do Senhor —  
Casta como o luzir da estrella do pastor;  
Impeccavel e bôa, immaculada e pura,  
Feita de luz, de sons, de frémitos, de alvura! . . .  
Que tem nos seios bons, fecundos, maternaes,  
O leite — que dá força aos pulsos colossaes  
D'Hercules, de Sansão! . . . .

A Muza do passado  
Cahio, como um heróe aos golpes d'um soldado,  
Cahio, como um guerreiro — envolto no pendão,  
Que symboliza a honra, os brios da nação . . . .

Nos labios abafando — em convulsões de gloria —  
Os irritantes sons d'um hymno de victoria!

. . . . .

Alevantou-se então a Muza do presente:  
Anémica, affectada, hystérica, doente,  
Cheia de hypocondria e cheia de rancôr,  
A escarnecer de Deos, das illusões, do amôr!  
Com os peitos sem leite, as faces carminadas,  
A dar cynicamente enórmes gargalhadas! . . .

E as lendas varonís dos tempos medivães,  
Altivos como os sóes, claras como os chrystaes;  
Batidas pelo vento, envoltas na poeira,  
Passam — como a espumante e marulhosa esteira,  
Que deixão após si, do mar nas vastidões,  
Os vapôres — que são os braços das nações! . . .

E a Muza que, d'espada á cinta, ia, de farda,  
A passo marcial, dos bravos á vanguarda,  
Bater-se, peito a peito, em desvairado ardôr,  
Expondo-se a morrer — demente de valôr —  
Agora. . . .

Oh! irrisão! vergonha! . . . .

A passos lentos.

Como os frades que vão, ébrios, para os conventos,  
Cambaleando muito — assim como quem vae  
Alevantar do chão o que das mãos lhes cae . . .  
Caminha pela rua, a tôa, a dar topadas,  
Com a cabeça baixa, as palpebras cerradas,  
Levando, a muito custo, uma garrafa. . . aonde,  
Lá no fundo, entre a bôrra, um vinho máo s'esconde.

Ella, que foi outr'ora a Deosa dos combates,  
O Anjo das victorias!

Passa os dias agora ao lado dos mascates,  
E as noites a contar fantasticas historias. . . .

Não afasta, ao passar, os verdes reposteiros  
Dos palacios reaes;

Vive pelos bordéis, ao lado dos cocheiros,  
Até morrer de fome ao pé dos hospitaes! . . .

Canta os *anjos do lôdo* em *timidos ensaios* . . .  
Saúda a madrugada entre os lençóes da cama;  
Toma café com pão á meza dos lacaios . . . .  
E em cópos d'agua-ardente a inspiração inflamma.

Estende a mão leproza ás meretrizes éthicas . . .  
E, si cáem-lhe aos pés uns cobres esverdeados,  
Resmunga em voz fanhoza exclamações pathéticas,  
Que inspirão compaixão aos rôtos aleijados! . . . .

E' o requinte immoral de todos os cynismos,  
A másc'ra das traiçôes;  
A lama dos paúes, a tréva dos abysmos . . .  
O dente dos chacáes, — a garra dos leões! . . .

Não vibra mais a sonora tuba  
Dos homericos hymnos marciáes,  
Fazendo que nos morros corra, suba  
A matilha dispersa dos chacáes . . .  
Arripiando a leonina juba  
Em contorsões selvagens e brutaes! . . .

Tóca viola á porta das amantes,  
Cantando serenatas languorosas;  
Fallando só de flores odorantes,  
Ou trémulas estrellas luminosas . . . .  
Fechando o livro aos magros estudantes,  
Que consagram-lhe as horas occiozas.

Assim os dias passa e léva os mezes  
Da bohêmia na mútua liberdade;  
Ante a raiva, encoberta, dos burguezes,  
E o desprezo integral da sociedade.  
Quantas vezes, ó Muza! quantas vezes  
De vir a ser um cão não tens vontade?! . .

Eu sei que tens momentos prolongados  
De tristezas enórmes . . . .  
E que sonhos pezados e trevózos  
Os que sonhas, á noite, quando dormes! . .  
Devem ser uns vampyros esfaimados,  
Desinquiétos, horrificos, disfórmes.

Avé, Muza de outr'ora! envolta em branco véo,  
Vem derramar na terra a tua luz — do céo!...

Tu, que seguiste á frente das cruzadas,  
Um corcel insoffrido cavalgandò,  
Quando o límpido aço das espadas  
Os lampejos do sol iam roubando...  
Tu, que, no mais renhido das batalhas,  
Erguida sobre o alto das muralhas,  
Desfraldavas o panno das bandeiras,  
Que adejavam em léves caracões  
Ao compasso das muzicas guerreiras,  
Que ecoavam na bôca dos heróes!  
E, depois d'uma luta gigantesca,  
— Desapertando do joelho as ligas —  
Ias, por entre a morta soldadesca,  
E gritos... e lamentos dos feridos...  
Atar os ferimentos dos vencidos,  
Que te erguiam as dextras inimigas...

O' Muza varonil das velhas tradições!

Tu, que de bôca em bôca ás mortas gerações  
Foste estímulo forte, altivo, sobranceiro,  
A'quelles corações leaes — que ao mundo inteiro  
Legáram — um punhal, um cópo, ou uma cruz,  
Dizendo-se — Catão, Sócrates ou Jezus!...  
Por que não vens sentar-te á meza do Progresso:  
Onde a Sciencia quer a Deos tolher o ingresso?...

Transpõe a porta enórme e férrea das prizões...  
Dá ao bandido um livro, em vez de expiações...  
Dá um azylo ao velho, ao morto um ataúde;  
Liberdade á mulher, luzes á juventude.

Faz com que o Povo aprenda a ler aquellas leis,  
Que o livram do poder despótico dos reis!...  
Transpõe do Vaticano as tenebrósas portas:  
Atira á uma officina aquellas vidas mortas!...  
E com que a igreja, em vez — de casa de negocio,  
Ou templo alevantado á hypocrizia, ao ócio,  
Apague as vellas e abra as portas, p'ra que a luz  
Do dia, bata em cheio na face de Jezus!...

Abrão-se os livros em vez das sachristias ...  
E haja associações, em vez de confrarias.

Cóspe na bronzea estatua ao régio *D. João* ...  
— Essa affronta atirada á face da nação!  
Manda inscrever na Historia os nomes dos valentes:  
Bento Gonçalves, Netto, e Ivo e Tiradentes.

Na mão de cada pobre atire-se uma esmola;  
Ao pé de cada igreja eléve-se uma escola.

(*Continúa.*)

**Manfredo.**

## A' America.

---

### I.

Tu que de luzes o horizonte alagas,  
Surgiste um dia do lençol das vagas  
    Como a deosa pagã,  
E sobre os mares dispersando a tréva,  
Enlevada sorriste como a Eva  
    Na esplendida manhã!

Como a nave pujante que desfralda  
As velas sobre as ondas de esmeralda,  
    Revoltas, a bramir,  
Assim, formoza plaga do Cruzeiro,  
Arrastada nas azas do pampeiro,  
    Arrojas-te ao porvir!

A vastidão da flóra exuberante,  
A riqueza do sólo deslumbrante,  
    Não tem o mundo iguaes!  
Em teu seio bemdito a natureza  
Expande a magestatica belleza  
    Aos lumes tropicaes!

Inundada de santos esplendores  
— Astro immortal nadando entre fulgores —  
    És da luz a caudal!  
Aos gigantescos passos que já médes,  
Ao mundo antigo, ás trez irmãs excedes  
    Na marcha triumphal!

II.

Europa, a douta, ouzada paladina,  
Que do porvir na senda purpurina  
    Prosegue sem parar,  
Sedenta de ambições, ardendo em guerra,  
Quer, orgulhoza, dominar a terra,  
    Os povos dominar!

Formosa, varonil, mas louca e fatua,  
Um dia ajoelhou-se aos pés da estatua  
    Da deosa da razão!  
Liberta-se das leis do feudalismo,  
Porém deixa a Polonia em fundo abysmo,  
    Nas garras da oppressão!

Rodêa-se de luz, de lama e vicios!  
As grandes capitaes — vastos hospicios —  
    Regorgitam de atheos!  
Os descendentes de Japhet, que outr'ora  
Defenderam a cruz, sem crença agora  
    Duvidam té de Deos!

Enquanto o rico na opulencia dorme,  
Tirita o povo na miseria enorme,  
    Mendiga sem cessar,  
E semelhante á ave que abandona  
A choupana que o vento desmorona,  
    Aqui procura um lar!

Attonita no fumo das conquistas,  
Não lança Europa entristecidas vistas  
    A' desgraça dos seus!  
Busca da gloria os luminozos trilhos,  
Mas expulsa milhares de seus filhos,  
    Errantes como hebreos. . . .

III.

A Asia, a mais senil, que vio outr'ora  
Reflectir em seu seio a luz d'aurora  
    Que illuminou Adão,  
Aos vôos do progresso refractaria,  
No mundo é sempre a velha estacionaria,  
    Submissa a tradição!



Debalde Christo, o sonhador sublime,  
D'aquellas plagas extirpando o crime,  
Pregou a crença, a fé!  
Das Indias calmas á Siberia fria,  
E d'Arabia ao Japão — a idolatria  
Ostenta-se de pé!

Adóra Mahomet, Dalai-Lama,  
Ou a crença de Fó, ou Budha, ou Braluma,  
Do sol a viva luz!  
Mas jamais commovida prosternou-se  
Ante o vulto de Christo, bello e doce,  
Pendente d'uma cruz!

Sonhadora, indolente sybarita,  
A Asia vaporosa só palpita  
De amor, d'embriaguez!  
Das sciencias a chamma que se espalha,  
Jamais transpoz a celebre muralha  
Do timido chinez!

Não banha a fronte ao sol da liberdade!  
Sempre humilde á despotica vontade  
Do bonzo semi-deos,  
Arrasta tristemente vida ingloria  
Sem que veja nas paginas da historia  
Brilhar os filhos seus!

A industria move sêm vigor o passo,  
Ali se desalenta de canção,  
— Automato que é! —  
Só dous nomes destacam-se nos fastos  
D'aquelles povos pelo tempo gastos:  
Confucio, Mahomet!

#### IV.

A Africa descança, enórme vulto  
Profundamente esteril, vasto, inculto,  
D'areias no lençol!  
Somno mortal que nunca foi desperto!  
Tem por dóbres os ventos do deserto  
E por tocheiro o sol!

Jaz ali, sepultada entre palmares,  
Carthago, a bella, dos antigos mares  
Garboza imperatriz!  
Pharaós e Cleópatras passaram  
Como genios soberbos, que tombaram  
Sem louros na cerviz!

A fitar o horizonte que se tinge  
D'um azul de saphira vê se a sphynge  
Immovel, hirta e só!  
Ouvem-se apenas uivos leoninos  
E o surdo galopar dos beduinos  
Entre nuvens de pó!

Aquellas fronteas pelo sol crestadas  
Não banham-se na luz das alvoradas,  
Nos mares do ideal!  
Ali, desde a Hottentotia á Barbaria,  
Tem altares a tôrpe idolatria,  
Fetichismo brutal!

Immensos póvos nômadeas, errantes,  
Ali vivem ás auras sussurrantes,  
Sob esplendido céo!  
E do Egypto as pyramides altivas  
São d'essas raças pobres, semi-vivas,  
O grande mausoléo!

V.

Só tu sustens da pobre humanidade  
O estandarte de luz, a liberdade,  
Olympico arrebol!  
O' do Colombo seductora filha,  
Tu és do mundo oitava maravilha,  
Fulgente como um sol!

Tu que sentes pulsar o sangue ardente  
Como a lava que salta candecente  
Do seio dos volcões,  
Tu és a grande tenda do futuro!  
— Arca santa a boiar no pégo escuro,  
Sobranceira aos tufões!

Tu marchas do progresso na vanguarda,  
Sem lampejos sinistros da bombarda,  
Ribombos do canhão!  
Cingida a frente no barrete phrygio,  
Resplandeces de luz como um prodigio  
Na nova geração!

Abraçada por vastos oceanos,  
Cyclópicos gigantes, soberanos,  
Que esplendida tu és!  
Reclinada na enórme cordilheira,  
Tens um pólo a servir de cabeceira,  
Outro pólo a teus pés!

Avante, avante, America formosa,  
Que vês nos céos brilhar esplendorosa  
D'estrellas uma cruz!  
Marcha ao futuro: ao Pantheon da gloria!  
Inunda as folhas da moderna historia  
Em turbilhões de luz!

**Damasceno Vieira.**

## Secção historica.

---

Das *Ordens geraes de campanha*, determinadas pelos Ex.<sup>mos.</sup> Sn.<sup>res.</sup> Tenente General Joaquim Xavier Curado e Marquez de Alegrete, ainda inéditas, transcrevemos as seguintes por seu interesse historico:

### Ordem do dia.

Acampamento no Passo do Rozario, 2 de Setembro de 1816.

Chegou finalmente o tempo em que é permittido que os habitantes proximos á linha possam vingar-se impunemente dos insultos e roubos, que lhes tem feito os rebeldes insurgentes debaixo de uma paz simulada!

Os moradores tem liberdade de se congregarem, unindo-se a formar partidas de guerrilhas para hostilizar, atacar e destruir os rebeldes, com tanto que não se exponhão temerariamente; a fazer prezas e tomadias sempre que puderem, as quaes serão suas, e se quizerem vender os cavallo e armas tomadas, lhes serão pagos pela Real Fazenda, exepctuando-se comtanto os bens pertencentes aos habitantes, que se tiverem unido á Portugal e se houverem de unir para o futuro; os quaes serão respeitados e tratados como nossos irmãos, fazendo-se-lhes o bem possivel; assim como aos rebeldes insurgentes todo o damno que se puder, como nossos inimigos declarados.

*Francisco Xavier Curado.*  
Tenente General.

---

## Ordem do dia.

Acampamento em Ybyrapuitan, 18 de Outubro de 1816.

O Ill<sup>mo.</sup> e Ex<sup>mo.</sup> Snr. Tenente General, ordena que, attendendo ao grande numero de individuos, que atravessão por diversos lugares o rio e matto, que cobre a retaguarda do exercito, como se observou clara e distinctamente pelo grande numero de pessoas, que se acharão do outro lado: manda fazer publico que o Capitão João Affonso de Almeida, da Legião de S. Paulo, se acha encarregado da diligencia de vigiar cautelosamente sobre aquelles que passarem para o outro lado dos bosques, o que fica totalmente prohibido; e que o mesmo Capitão tem ordem para mandar prender os soldados, indios, criados e escravos que passarem para o outro lado do bosque por qualquer motivo que seja; e que mandará castigar prompta e immediatamente na guarda da frente da Legião de S. Paulo os soldados e criados brancos com 50 pancadas de espada de prancha, os indios e escravos com 200 açoutes, sendo amarrados na culatra de uma peça; e que as mulheres, ou sejam brancas, mulatas ou indias ou negras, cazadas ou solteiras, que se encontrarem do outro lado do bosque, ou lavando roupa na esquerda do acampamento para cima, serão immediatamente conduzidas trez legoas distante do exercito, ou sejam cazadas ou não; e se voltarem serão castigadas severamente em attenção ao seu sexo, porque em observancia ás Reaes Ordens estabelecidas nas Instrucções geraes de Acampamentos, nenhum individuo que acompanha o exercito se deve considerar izento das leis geraes estabelecidas para a boa ordem do mesmo exercito.

O referido Capitão Affonso de Almeida fica particularmente recommendado para dar as partes necessarias sobre este objecto, depois de ter executado tudo quanto fica determinado, nunca antes, porque nesse caso fica elle Capitão responsavel pela conducta e pela falta de execução desta ordem, que se lhe dá por muito recommendada.

*Januario Soares de Bulhões,*  
Ajudante de campo.

## Ordem do dia.

Acampamento na margem septentrional do Rio Ybyrapuitan, 24 de Dezembro de 1816.

O Ill<sup>mo</sup>. e Ex<sup>mo</sup>. Snr. Marquez d'Alegrete, Governador e Capitão General ordena que o exercito se ponha em marcha no dia 25 do corrente.

O Ex<sup>mo</sup> Snr. Tenente General Joaquim Xavier Curado distribuirá as suas ordens de maneira que as tropas marchem ás 7 horas da manhã.

O corpo do Sr. Tenente-Coronel José de Abrêo, reforçado com duas peças de artilheria calibre 3, e 60 homens de infantaria fará a vanguarda, na distancia de um quarto de legoa, lançando para sua frente e flancos patrulhas, as quaes devem se reconhecer ao longe por signaes convencionados com o Snr. Tenente-Coronel Abrêo; e o informarão da proximidade do inimigo, cuja parte será logo transmittida ao exercito. Na distancia já indicada seguir-se-ha a cavallaria da Legião de S. Paulo, a infantaria, e o regimento de Milicias do Rio Pardo, a artilheria da Legião de S. Paulo, e o parque, que tomando por agora este lugar durante a marcha para maior commodidade, occupará comtudo aquelle que lhe pertencer quando a tropa acampar.

A bagagem marchará na mesma ordem dos corpos a que pertencer; as cavalladas já distribuidas marcharão nos flancos dos respectivos corpos, sempre que o terreno o permitta.

O Snr. Sargento-Mór Engenheiro instruido da direcção das marchas adiantar-se-ha com as guias a fazer a escolha do campo, em que o exercito deve acampar.

Todos os objectos relativos a marcha que não se achão mencionadas na presente ordem, o serão nas que distribuir o Ex<sup>mo</sup>. Snr. Tenente General Curado, segundo as instrucções que recebeo de S. Ex<sup>a</sup>., e no serviço do campo se praticará o que se acha estabelecido.

Consta ao exercito o estado em que S. Ex<sup>a</sup>. se acha, e priva-o de o acompanhar constantemente na marcha para não se impossibilitar de o fazer em occasião de combate.

*Lourenço Maria de Almeida Portugal.*

Ajudante de Ordens de Semana.

## Chronica.

---

O mez de Abril de 1879 assignala ás letras rio-grandenses um grato acontecimento: a restauração do *Parthenon Litterario*.

Dir-se-ia que obedecendo a força d'essa lei fatal, que derriba, aniquila e extingue tudo quanto ella mesmo ergueo ao fastigio, cooperando efficaz na elevação do expoente de sua grandeza, o *Parthenon Litterario* tendia a desaparecer com os laureis de suas ultimas victorias, ao som dos hymnos triumphaes, que solemnisarão o seu decennio anniversario. . . . .

De facto, esta associação á que a Provincia do Rio Grande do Sul deve o mais bello periodo de sua litteratura, retrahio-se por algum tempo á luta e dormitou sobre os louros colhidos.

Foi porêm a transição da chrysalide.

Ha ainda muita força, muita vida, muito entusiasmo a effervescer no coração da mocidade, onde está radicado o *Parthenon Litterario*, para renovar-lhe a seiva e activar-lhe a circulação por um momento paralysada.

O exemplo dos patriotas de 18 de Junho de 1868 estimúla a ardoroza mocidade de 1879; aquelles partilhão as aspirações desta e fecundão os seus enthusiasmos com as lições de sua experiencia, illustração e patriotismo.

Deixar desaparecer esta instituição benemerita n'uma época em que todo o esforço não basta para oppôr um paradeiro á corrupção e á descrença, que invadem e exterminisção a acção das modernas sociedades, não seria apenas cobardia, mas crime de lezo patriotismo.

Assim a mocidade hasteia de novo a sua signia de

guerra, desensarilha as armas, congrega os seus campeões, e d'entre os mais esforçados elége o chefe, que a deve guiar ao combate.

Um nome é lembrado entre os d'aquelles socios do *Parthenon* que mais se tem distinguido por seu merito, talentos e dedicação, e Achylles Porto Alegre é eleito Presidente da associação, de que foi um dos fundadores.

Esta eleição e a de seus illustres companheiros de Directoria não é só uma esperança de melhores dias, não é uma promessa apenas, mas a garantia da prosperidade do *Parthenon Litterario*.

Desde a posse da actual Directoria que se restabelecerão as sessões ordinarias, que têm sido frequentadas por — termo medio — 32 socios; — forão offerecidas á discussão diversas theses e projectos de summa importancia; sua bibliotheca, a cargo de uma tão modesta quão sincera dedicação, foi reorganizada e augmenta dia a dia o numero de suas obras; trata-se com afinco da compra de um prédio em que funcione a sociedade; promóve-se a collocação e abertura de seu preciozo muzeo; e para complemento de seu progresso vem esta *Revista* occupar o seu posto de honra na imprensa.

Oxalá que o favor publico corresponda á magnitude da causa á que se vota o *Parthenon* recompensando o esforço e os sacrificios por elle despendidos a prol da humanidade e da civilisação.

\* \* \*

Illustra este numero da *Revista* o busto do venerando émulo de Francisco Xavier e Las Cazas.

Naquella physionomia franca e sympathica, n'aquelle olhar simultaneamente insinuante, indagador e meigo, n'aquelles tons macios e castos que esfunão as breves rugas da fronte placida e grandioza de Anchieta transparecem as sublimes virtudes do preclaro varão, em quem reconhece o Brazil o seu patriarcha e a humanidade a mais pura das abnegações, que se lhe votarão em holocausto.

Aviventar a memoria desse glorioso heróe e fautor da nacionalidade e civilisação brazileiras, não é simplesmente prestar homenagem ás suas sacrosantas cinzas... é mais, é querer tomal-o como exemplo, é querer a continuacão da



pratica das sublimes virtudes que elle synthetisára. é querer apresental-o em confronto com os ciganos e mercenarios, que vestem o habito de São Pedro, e se dizem vigarios de Christo, renegando sacrilegos as suas sublimes doutrinas, esquecendo, os infames apóstolos, que a sua missão é um sacerdocio de dedicação e sacrificios e não uma industria, um officio, um meio de ganhar dinheiro.

Lembrar os nomes dos Anchietas, dos Nóbregas, dos Felicianos, dos Britos e dos Thomés, esses typos de cordura e mansidão, da humildade e illustração, do desprendimento e do amor do proximo; lembrar-lhes as virtudes evangelicas é aferir o cléro actual pelo que elle vale, pelo que, sem rebuço, cynicamente elle se confessa ser, insultando a religião e escandalizando a moral publica com editaes, como este, que se lê no *Jornal do Commercio* do Alegrete:

„O *vigario Antonio dos Santos Reis*, faz publico e sciente que de hoje em diante só exerce os actos de seu ministerio nos dias de semana *desde as 8 ás 11 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde*, e nos domingos *desde as 7 ás 9* (emquanto a missa conventual fôr celebrada as 10) e *de tarde das 3 ás 5*, até essa hora.

„*Fóra destas horas* não se póde obrigar a estar na matriz, e aquelles que quizerem *fazer* qualquer acto religioso *fóra destas horas obrigar-se-hão a satisfazer ao vigario o SEU INCOMMODO* — segundo o que *convencionar-se*.

„O vigario faz esta declaração para evitar queixas muitas vezes desarrazoadas, *para não dizer outro termo*, de pessoas que *juçgão que tem, na pessoa do vigario da freguezia um seu moleque*, que pódem mandal-o a qualquer hora, e não sei que mais.

„Outro *sim* declara que toda a pessoa que *ajustar* uma hora para *fazer* qualquer acto religioso, é obrigada a estar com pontualidade na matriz, e não acontecer o que muitas vezes tem acontecido de fazerein esperar o vigario na matriz muito e — *sem o menor resultado*.

„*Tempo é dinheiro*.

„Desde de que se *ajustar uma hora*, cada qual é obrigado a ser pontual, que o vigario não é *negro canqueiro*.

„Alegrete, 18 de Março de 1879.

„O vigario *Antonio dos Santos Reis*.“

A perfeita ignorancia da syntaxe da lingua vernácula,

o estylo chulo proprio das pôlhas ou dos arrieiros, a sórdida cupidez que se revela com o maximo cynismo na circular acima transcripta, e a audacia com que esse ministro de Christo, se dirige a seu rebanho — só nos deixão acreditar que esse *reverendo* não é cangueiro, porque em vez do páo e da corda do negro de ganho, traz sobre as largas espaduas á isso talvez affeitas, ou para isso talladas, um habito que lhe deve sentar como a tunica de Nessus.

Ah! como servem os Anchietas! Muitos seculos passados sobre o leito de argilla já chrystalisada, onde dormem o somno do justo, ainda a sua memoria veneranda vêm, como o archanjo da justiça, fulminar os vendilhões do templo.

\* \* \*

As difficuldades materiaes que sõem sempre empecer os primeiros passos de emprezas da ordem das desta *Revista*, e que só são vencidas a dispendio de muito affã e perseverança, obrigão-nos não só a dar esta um tanto retardada, como ainda a preterir assumpto, que por sua importancia e variedade de objecto daria a esta chronica o interesse de que caréce.

Assim deixa a Commissão de Redacção, como pretendia e hade fazel-o oppurtunamente, de emittir seu juizo sobre as obras recém publicadas, que vierão a seu conhecimento, bem como dos factos que se correlacionão com a instrucção publica, litteratura, sciencias, artes etc. etc.

\* \* \*

Agradecida a delicadeza das offertas, que lhe forão remettidas, a Redacção d'esta *Revista*, não podendo pelas razões expostas manifestar juizo sobre ellas, limita-se a consignar-lhes a recepção.

Forão ellas as seguintes:

*Esboço e memorial d'uma galeria subterranea*, na Vaccaria, pelo Snr. Oscar Roberto Hennig;

*Ordens de campanha*, determinadas pelo Tenente General J. Xavier Curado e Marquez do Alegrete; cuja publicação encetamos na „Secção de Historia.“

*Exposição do Visconde de Mauá* aos credores de Mauá & Comp. e ao publico, pelo autor;

*Um discurso em mangas de camiza*, pelo Snr. Dr. Tobias Barreto de Menezes.

*Regulamento das Caixas economicas e Montes de socorro das Provincias*;

*Relatorio da Directoria da Instrucção publica da Provincia*, pelo Snr. Dr. F. Bier.

Um exemplar da brilhante walsa *Pensativa*, pelo Snr. M. J. A.

\* \* \*

Veio-nos tambem ás mãos o Decreto do Ministerio do Imperio n.º 7247, de 19 d'este mez, reformando o ensino primario e secundario do municipio da côrte e o superior de todo o Imperio.

Se pois, não temos de que nos lisongearmos com o relatorio da Directoria da Instsucção Publica na Provincia, que confessando tristes verdades mostra o que é ainda a *escola regia* entre nós, e o nosso descuro pela educação da geração nova; — o decreto do Snr. Ministro do Imperio dá a este importante ramo do serviço publico a seu cargo novos elementos nas mais adiantadas reformas, e conquista os nossos applausos.

\* \* \*

Vai esta chronica já longa e insulsa. Vamos pois terminal-a e o fazemos com nossas congratulações ao bello sexo brasileiro.

Já não precisaes, illustres patricias, ir a outra America, a terra da liberdade — buscar os laureis da sciencia.

Uma explicação pedida no parlamento pelo representante da Provincia de S. Paulo, Conselheirô Martim Francisco ao Snr. Ministro do Imperio a respeito da admissão da mulher em nossas acadenias de medicina, apoiando-se menos no exemplo dos Estados Unidos e nos votos do parlamento inglez do que na vossa natural aptidão e talentos, que brilhantemente exalçou, obteve do Exmo. Snr. Conselheiro Leoncio de Carvalho a seguinte resposta:

„De bom grado vai satisfazer o pedido do nobre de-

„putado de S. Paulo. Ha dias, com effeito, em uma conferencia particular, disse ao nobre deputado que na *lei vigente havia uma disposição em favor do projecto em questão.*

„Ha mezes uma senhora pretendia, feitos os exames preparatorios, dedicar-se a estudos superiores. Estudando o regulamento respondeo elle ao Director da Instrucção Publica, que o consultára a respeito: — sim, a lei não póde vedar essa resolução, desde que a candidata cumpra os requisitos determinados no regulamento que preside as escolas superiores, a saber: certidão de exames, certidão de idade etc.

„No proprio relatorio, que submetteo á illustrada consideração da casa, dêo implicitamente a conhecer o seu modo de pensar, em relação ao assumpto, quando curou das escolas mixtas.

„N'um projecto que tem em mãos exhibirá ainda a sua opinião.

„Crê, pois, *ter respondido officialmente ao pedido do nobre deputado por S. Paulo.*“

Houve sussurro . . . houve mesmo um ou outro dito chistoso . . . o relatorio do Snr. Ministro ainda dêo *implicitamente* a conhecer o seu modo de pensar a respeito. . . Mas o que é verdade — é que a idéa foi lançada e hade fructificar em pról da civilisação, que tem em vós o seu mais poderozo, senão unico elemento de progresso.

O *Parthenon* que propugnou sempre pela emancipação da mulher, — ainda mesmo restringindo-lhe a esphera da liberdade, que não póde ultrapassar a mãe de familia; que a collocou em sua tribuna para que ella mesma advogasse a sua causa reclamando por seus direitos, o *Parthenon* não as felicita, mas com ellas se congratula pelo triumpho alcançado.

\* \* \*

Informa-nos pessoa fidedigna que a assembléa legislativa provincial concedeo ao *Parthenon* a quarta parte de uma loteria, que será extrahida n'este exercicio.

Foi um acto de summa justiça e que revela o patriotismo dos illustres representantes da Provincia.

O resultado dessa loteriã se addicionará ao peculio do *Parthenon* para aquisição de um prédio em que funcçione.

O Bernardot.

## Parthenon Litterario.

**Extracto das actas das sessões de Março e Abril de 1879.**

Sessão ordinaria de 19 de Março de 1879.

*Presidencia do Ill<sup>mo</sup>. Sr. Dr. João Capistrano de Miranda e Castro.*

A's sete horas da noute, achando-se presentes treze Snrs. socios, constituindo numero legal, foi pelo Snr. Dr. Vice-Presidente aberta a sessão.

### Expediente.

Deixa de ser lida a acta da ultima sessão, de 29 de Janeiro, por não se achar presente o Snr. 2.<sup>o</sup> Secretario.

O Snr. Presidente convida ao Snr. Alferes Carlos de Alencar á occupar o lugar de 2.<sup>o</sup> Secretario, e por não haver expediente, passa á

### Primeira parte.

O Sr. Presidente diz que esta sessão tem por fim deliberar os meios, que são urgentes, afim de melhorar o estado da associação, fazendo sentir a necessidade de proceder-se á eleição da nova Directoria, e da applicação de medidas energicas para combater o mal, que tende a aniquilal-a.

Obtendo a palavra em seguida o Snr. Bernardino dos Santos, faz o historico do *Parthenon*; recorda os seus dias de gloria e prosperidade; estabelece o confronto dessa epocha com a actualidade e proffiga severamente o deleixo e abandono, causa principal do abatimento a que elle chegou.

Sustenta que a sociedade tem sobejos elementos de vida, que deve e hade voltar a sua primitiva grandeza. Denuncia graves irregularidades; censura-as e apresenta os meios,

que a seu ver devem ser postos immediatamente em pratica, e manda á meza diversos requerimentos para os quaes péde urgencia.

Péde que se proceda á organização do quadro dos socios fundadores; á creação de um livro para que os socios se inscrevão ao ser recebidos; e que pelo Snr. Thesoureiro lhe seja fornecida uma relação dos socios do *Parthenon*, em que venha declarado o estado de seus pagamentos, afim de fundamentar um parecer sobre a marcha economica da associação, que sendo capitalista arrasta a ingloria existencia do mendigo.

Trocão-se diversos apartes e empenha-se um pequeno debate entre o orador e os Snrs. Gaspar Guimarães, Rodrigues da Silva, Alencar e Delfim de Carvalho.

O orador conclue a sua analyse, censurando a demora da publicação da *Revista*, e apresenta uma proposta sua a este respeito.

Depois de um largo debate, foi pedido pelo autor o adiamento da discussão da proposta para a seguinte sessão.

E nada mais havendo a tratar encerrou-se a sessão ás 10<sup>1</sup>/<sub>2</sub> horas da noute.

### Sessão ordinaria de 26 de Março de 1879.

Presidencia do Ill<sup>mo</sup>. Snr. Dr. João Capistrano de Miranda e Castro.

A's sete horas da noute, achando-se presentes quinze socios, que constituirão numero legal, foi pelo Snr. Dr. Vice-Presidente aberta a sessão.

### Expediente.

O Snr. 1<sup>o</sup> Secretario declara não achar-se presente nem o 2<sup>o</sup> Secretario, nem ter lhe sido enviada a acta da sessão anterior, passando a ler a de 29 de Janeiro, ainda não approvada.

São propostos e approvados socios effectivos os seguintes Snrs.: Dr. Augusto Guanabara Ferreira da Silva, Dr. Arthur Luiz Cadaval, José Lindstron, João Francisco Velho, Affonso Henrique d'Oliveira Duarte, Edmundo Alfredo d'Abrêo, Manoel da Silva Oliveira Junior, Gabriel Pinheiro de Aguiar e José Pinto de Carvalho Gama.

Posta a acta em discussão toma a palavra o Snr. 1<sup>o</sup> Secretario G. Guimarães, expondo á casa as razões que o le-

varão a assignar o protesto ali consignado, não estende-se porém a sua censura além da venda dos jornaes, que elle, orador classifica de inconveniente e de illegal, e conclue pedindo que se lhe permitta retirar sua assignatura do protesto, onde ha imputações gravissimas, que elle não autoriza.

O Snr. 2º Orador Apelles Porto Alegre, seguindo-se lhe com a palavra, diz que como guarda e fiscal dos Estatutos da casa deve tornar patente a improcedencia da discussão, pois trata-se de materia vencida e passada em julgado — julga entretanto que se é extemporanea, não é inconveniente, como a qualificou o Snr. Gaspar Guimarães, pois torna patente faltas e irregularidades, que incorrem em severa censura, devem ser elucidadas na discussão e conhecidas por todos os socios do *Parthenon*, pois que dessas faltas proveio a decadencia em que se acha a associação.

Segue-se com a palavra o Snr. Bernardino dos Santos. Como o Snr. 2º Orador julga elle a discussão extemporanea por tratar de materia vencida; — mas como ella passára em julgado, em familia e a meia voz, — era do mais alto interesse a sua discussão afim de que um raio de luz illuminasse a noute d'esse mysterio.

Vê com magoa o *Parthenon* decadente, e não póde comprehender a razão porque, assim como não comprehende a razão porque o Snr. 1º Secretario, que profliga com tanta acrimonia as Directorias transactas, — quer retirar sua assignatura do protesto contra essas faltas que acusa, mas que elle orador não quer accreditar se houvessem dado, a não ser no periodo illegal em que funcçãoára ultimamente o *Parthenon*.

Continúa ainda a sua analyse critica, denunciando os abusos, apontando os correctivos e consignando os meios de combater os males, que affectão a associação. Censura a marcha economica e administrativa, a falta da eleição, o deleixo da secretaria e da bibliotheca, e termina perguntando quem autorizou o Secretario a *fazer* socios fundadores, e a excluir do quadro aquelles que como taes forão reconhecidos e tem os seus diplomas muito legaes.

Terminado o debate o Snr. Gaspar Guimarães apresenta um requerimento pedindo a retirada da acta de 29 de Janeiro, que foi regeitado.

## Segunda parte.

Continúa a discussão da proposta do Snr. Bernardino dos Santos, para a publicação da *Revista*.

Empenhou-se uma longa discussão em que tomarão parte o autor da proposta e os Snrs. Alencar, Delphim de Carvalho, Domingues Filho e contra os Snrs. Apelles Porto Alegre, Gaspar Guimarães e Rodrigues da Silva, estes dous ultimos, bem como o Snr. Appollinario Porto Alegre, declararão que o seu voto não era infenso a proposta, que julgavão vantajosa, porém que havendo um outro contracto, não a podião autorizar sem que primeiro fosse aquellè rescindido.

O Snr. B. dos Santos voltou á tribuna provando que esse contracto estava de facto rescindido desde que as partes contractantes não lhe davão cumprimento, e nem lh'o darião nunca.

O Snr. G. Guimarães declara que retira a sua proposta, e posta a votos a apresentada pelo Snr. Bernadino dos Santos, foi approvada.

Nada mais havendo a tratar o Snr. Presidente declara que a proxima sessão será a reunião da assembléa geral, para se proceder á eleição da Directoria, que tem de funcionar até 31 de Dezembro d'este anno, e levanta a sessão ás 10 horas da noute.

---

Sessão extraordinaria de 2 de Abril de 1879.

### Reunião d'Assembléa Geral.

*Presidencia do Ill<sup>mo</sup>. Snr. Dr. João Capistrano de Miranda e Castro.*

A's oito horas da noute, achando-se presentes 48 Snrs. socios, foi pelo Snr. Dr. Vice-Presidente aberta a sessão.

### Expediente.

O Snr. Delphim de Carvalho occupando interinamente o lugar de 2º Secretario por não ter comparecido o proprietario, nem seu Adjuncto, procede á leitura das actas da sessão anterior e da de 19 de Março, que submettidas a discussão forão approvadas.

Nada mais havendo a tratar, o Snr. Vice-Presidente communica á Assembléa Geral, que foi ella convocada ex-



traordinariamente afim de proceder-se á eleição da nova Directoria, que deverá funcçãoar até 31 de Dezembro d'este anno.

Abun-da em considerações sobre o estado decadente da associação, e do que ella pôde e deve esperar do futuro, almejando que se proceda a uma eleição conscienciosa: e passa aos trabalhos da

### A eleição da Directoria.

Recollidas as cédulas e feita a apuração dos votos obtiverão maioria absoluta para os diversos cargos, os seguintes senhores:

*Presidente*, — Achylles Porto Alegre.

*Vice-Presidente*, — Dr. J. Capistrano de Miranda e Castro.

*1.º Secretario*, — Ignacio Manoel Domingues Filho.

*2.º Secretario*, — Joaquim Saturnino dos Santos Paiva Filho.

*Ajunctos*: — 1.º João Pinto Bandeira, 2.º Tito da Silva Peixoto.

*Thezoureiro*, — Antonio José Lisboa Junior.

*Ajuncto do Thezoureiro*, — João Luiz dos Santos Car-do-zo de Menezes.

*Bibliothecario*, — Elias José Pedroza.

*Ajuncto do Bibliothecario*, — Alberto Virgilio Ferreira.

*Oradores*: — 2.º Apelles Porto Alegre, 3.º Arthur Rocha.

*Secretario das Relações Externas*, — Carlos Delphim de Carvalho.

*Ajunctos da Secretaria das Relações Externas*, — Alpheo Feijó e Silveira Nunes.

*Commissão de Litteratura*, — D. Luciana de Abrêo, Dr. Augusto Guanabara Ferreira da Silva, Augusto Totta.

*Commissão de Philosophia*, — Dr. Arthur Luiz Cadaval, Capitão Carlos d'Assumpção e Alferes Franco Bueno.

*Commissão de Historia*, — Alferes Carlos Augusto Peixoto d'Alencar, Christiano Kræmer e João Felix Silveira de Carvalho.

*Commissão de Critica Litteraria*, — Carlos von Koseritz, Appollynario Porto Alegre e José Bernardino dos Santos.

*Commissão de Redacção*, — Appollynario Porto Alegre, Alves Torres, Apelles Porto Alegre, Augusto Totta, Achylles Porto Alegre e Arthur Rocha.

*Commissão Theatral*, — José de Sá Brito, José Rodrigues da Rocha e Joaquim Alves Torres.

Nada mais havendo a tratar o Snr. Vice-Presidente marca a proxima sessão para a posse da Directoria eleita e levantou a sessão ás 11 $\frac{1}{2}$  horas da noite.

Sessão extraordinaria de 18 de Abril de 1879.

### Posse da Directoria eleita.

*Presidencia do Ill<sup>mo</sup>. Sr. Dr. João Capistrano de Miranda e Castro.*

A's 7 $\frac{1}{2}$  horas da noite, achando se presentes 59 Snrs. socios, o Snr. Vice-Presidente declara aberta a sessão.

### Expediente.

É lida, submettida a discussão e posta a votos a acta da ultima sessão extraordinaria d'Assembléa Geral.

Pela ordem, pede a palavra o Snr. Appelles Porto Alegre para declarar que não póde, nem deve acceitar o cargo de 2º Orador para que foi eleito, allegando, além de outros motivos, que julga attendiveis, o escrupulo que sente por um cargo que o collocaria como fiscal de uma Directoria, que tem a frente um seu irmão, o que daria occasião a que pudesse alguma vez ser considerado o seu voto como suspeito: que isso affectaria sua dignidade e brios, e pois pedia a casa que se dignasse acceitar a exoneração, que pedia do cargo para que fôra eleito.

O Snr. Presidente observa a S. S<sup>a</sup> que sendo esta sessão a da entrega de sua gestão, se julgava impossibilitado de a attender, e que faria consignar na acta este pedido para ser posteriormente deferido.

Da mesma sorte, e pelo mesmo motivo deixava S. Ex<sup>a</sup> de submetter á approvação da casa a proposta de novos socios, que se achava sobre a meza.

E achando-se presentes os novos eleitos, a elles dirigio-se em conciso e brilhante discurso, em que com elles se congratulava, na firme crença de que o *Parthenon* voltaria de novo a um periodo de fecunda prosperidade.

Terminando faz acclamar a nova Directoria e a convida a empossar-se dos respectivos cargos.

Occupando o lugar de que fôra empossado o novo Presidente, Ill<sup>mo</sup>. Snr. Achylles Porto Alegre, em um brilhante improviso, diz que a nova Directoria não apresenta pro-

grammas, porque as palavras que os constituem são ordinariamente promessas fallazes, ou, se sincéras, as mais das vezes irrealizaveis; mas que se não apresenta programma, vem cheio de dedicação e euzuziasmo pela grande causa que o *Parthenon* representa, e que por elle fará tudo quanto fôr humanamente possível.

Aproveitando a oportunidade vai responder ao Snr. 2º Orador, demonstrando a sem razão dos escrúpulos que mostra em occupar seu cargo, junto á nova Directoria. Os laços do sangue como as da amizade não embarçaão ao homem de bem o cumprimento do dever; e que a casa se comprazia em reconhecer na altivez e independencia do nobre character de S. S<sup>a</sup>. a mais effcaz garantia no exercicio do cargo para que o escolhera.

E nada mais havendo a tratar o Ill<sup>mo</sup>. Sr. Presidente levantou a sessão ás 9 horas da noute, sendo calorosamente saudado e acompanhado á sua residencia por todos os socios, que o esperavão á sahida com a distincta banda de musica da Aula Nocturna Provincial.

---

### Sessão ordinaria de 23 de Abril de 1879.

*Presidencia do Ill<sup>mo</sup>. Snr. Achylles Porto Alegre.*

A's 7<sup>1</sup>/<sub>2</sub> horas da noute achando-se presentes 35 Snrs. socios, foi aberta a sessão.

### Expediente.

O Snr. 2º Secretario faz a leitura da acta da ultima sessão que, submettida a discussão, foi approvada.

O Snr. 1º Secretario passa a ler os seguintes:

*Officios.* — Do Ex<sup>mo</sup>. Snr. Director Geral interino da Directoria Geral da Estatistica Jeronymo Bandeira de Mello remettendo á bibliotheca um exemplar do relatorio e trabalhos estatisticos do corrente anno, apresentado ao Ministerio do Imperio. Do Ex<sup>mo</sup>. Snr. Tenente Coronel José C. Vaz Junior, Vice-Presidente da provincia do Maranhão, remettendo dous exemplares dos relatorios com que recebeo e passou a administração d'aquella provincia.

*Propostas.* — Para socios effectivos são propostos e approvados os seguintes Snrs: Fernando Setembrino de Carvalho, Augusto Candido da Costa, Manoel Luiz de Ma-

galhões, Lopo Gonçalves Monteiro, Agostinho Francisco Velho, Samorim Gustavo d'Andrade, Capitão Manoel da Silva Bueno, Tito Pedro d'Escobar, Antonio Candido da Silva Job. Commendador João Lopes Carneiro da Fontoura, Vicente Trindade de Barcellos, João Duval, João da Silva Bueno, Manoel Pacheco Prates, Augusto d'Oliveira Ther e Soter Caio da Silva.

*Offertus.* — Pela sociedade *Phenix Litteraria* do Rio de Janeiro, os números de sua Revista dos mezes de Janeiro e Fevereiro ultimos, e pela Redacção do jornal *O Povo* de Cuyabá seis números do referido periodico, correspondentes aos mezes de Janeiro e Fevereiro do anno vigente.

### Primeira parte.

O Snr. Presidente designa ao Sr. Carlos Delphim de Carvalho para cumprimentar os novos socios, que se achão presentes, o que S. S<sup>a</sup> desempenhou brilhantemente. Agradeço por si e em nome dos novos associados o Snr. Affonso Henrique d'Oliveira Duarte em um eloquente discurso.

O Snr. Presidente nomeia os Snrs. Virgilio Ferreira, Joaquim Chaves e Guerreiro Lima para a commissão do sarão do proximo mez de Maio; e os Snrs. Dr. Capistrano, João Velho e Ignacio Domingues para tratarem do augmento da Bibliotheca do Parthenon.

O Snr. Bernardino dos Santos obtendo a palavra pela ordem, faz algumas considerações sobre a materia de que tratão os requerimentos que apresentára.

### Segunda parte.

São presentes as seguintes *theses*:

*Litteratura.* — Quem pôde entre os escriptores brasileiros ser considerado o chefe de nossa litteratura?

*Historia.* — Como se deve considerar perante a Historia a annexação da Banda Oriental ao Brazil?

*Philosophia.* — Qual o elemento preponderante nas duas Americas? Qual a causa a que devem o seu engrandecimento, e qual dos povos que a constituem mais se tem avantajado?

São designados pela sorte para darem os respectivos pareceres a Ex<sup>ma</sup>. Sr<sup>a</sup>. D. Luciana d'Abrêo e os Surs. Carlos d'Alencar e Franco Bueno.

E nada mais havendo a tratar levantou-se a sessão ás 9<sup>1</sup>/<sub>2</sub> horas da noute.

Sessão ordinaria de 30 de Abril de 1879.

*Presidencia do Ill<sup>mo</sup>. Snr. Achylles Porto Alegre.*

A's 7 horas, achando-se presentes 32 Snrs. socios é aberta a sessão.

### **Expediente.**

Deixa de ser lida a acta da sessão anterior por não se achar presente o Snr. 2<sup>o</sup> Secretario.

*Offertias.* — Do *Jornal de Commercio* do Amazonas os n<sup>os</sup>. 62 a 67 pela respectiva Redacção. — Pelo Snr. Bernardino dos Santos são offerecidos á bibliotheca um exemplar do discurso do Snr. Conselheiro Sinimbu sobre os negocios d'esta Provincia; e um volume da Estatistica do Commercio maritimo do Brazil, no exercicio de 1870—1871.

*Propostas.* — Forão propostos e approvados socios effectivos os seguintes Snrs.:

João Manoel Lumack, Thimoteo de Farias Corrêa Junior, João José de Oliveira Brito, José Joaquim Leite de Castro Junior, Lourenço Ennes Bandeira, Lourenço Ebbesen, Dr. Alvaro Nunes Pereira, João H. Fernandes Pinheiro e Antonio Gonçalves de Saibro Netto.

### **Primeira parte.**

O Snr. Bernardino dos Santos péde a palavra pela ordem, e começa por estranhar o procedimento pouco regular d'aquelles membros da Directoria transacta, que deixando a administração da sociedade não só não apresentarão seus relatorios, como devião, mas nem siquer fornecerão dados para que possa a actual Directoria conhecer o verdadeiro estado da associação, especialmente a 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> Secretaria e o Bibliothecario da passada administração.

Lembra a casa que achando-se a sociedade *Ensaio Litterarios* arcando com sacrificios para sustentar-se e garantir ao menos a segurança de sua bibliotheca, cumpria ao *Parthenon* fazer-lhe o offerecimento de um de seus salões, onde aquella sociedade, sem onus algum, — pudesse

funcionar e salvaguardar os livros de sua Bibliotheca, que lhe consta ter como a do *Parthenon* sido salteada.

Lembra esse procedimento por que além de nobilitar o *Parthenon*, salva se não aquella associação em decadencia extrema, ao menos a precioza collecção de seus livros, que ou desaparecem a formiga, ou se estão deteriorando em um deposito improprio e ruinozo á sua conservação.

O Snr. Affonso Duarte, como socio dos *Ensaaios Litterarios*, abunda em considerações sobre aquella associação, contesta alguns pontos do discurso do orador que o precedeo quanto á creação e existencia d'aquella, e termina, declarando que não existe animosidades contra o *Parthenon* como suppõe S. S<sup>a</sup>, e tanto é isso verdade, que a maioria dos socios dos *Ensaaios* opinão em que seja a sua bibliotheca offerecida parte ao *Parthenon*, parte á sociedade *Typographica Rio-Grandense*.

O Snr. Delphim de Carvalho toma parte na discussão e termina pedindo o seu encerramento.

O Snr. Presidente tomando em consideração as razões apresentadas, nomeia o Snr. Affonso Duarte, Elias Pedroza e Ignacio Domingues, para em commissão irem por parte da Directoria por á disposição da dos *Ensaaios Litterarios* tudo quanto lhes fôr mister e que tenha ou possa prestar o *Parthenon*.

O Snr. Franco Bueno, tomando a palavra pela ordem, diz que por motivos alheios á sua vontade, não pôde, como era seu desejo, apresentar o parecer de que fora incumbido, falta de que esperava ser relevado até a seguinte sessão.

O Snr. Appollynario Porto Alegre, tomando a palavra e abundando em largas considerações sobre a utilidade das bibliothecas nos centros menos populosoõs, e onde a instrucção pelo estado precario das localidades tem pouco desenvolvimento, apresenta o seguinte projecto :

„O *Parthenon Litterario* decreta :

„Art. 1º A fundação de bibliothecas populares nas „localidades da provincia, onde por sua exiguidade de recursos, o desenvolvimento da instrucção seja tibio e precario.

„§ 1º Para este fim, por meio de uma circular, appellará para os sentimentos patrioticos da camara municipal

„e dos habitantes mais influentes da localidade, inclusive o „magisterio publico.

„§ 2º Se corresponderem ao appello, se acceitarem o „compromisso, o *Parthenon* remetterá á Camara cem volumes, que constituirão o nucleo da pequena bibliotheca popular, assim como o regulamento que deve regel-a.

„§ 3º As obras remettidas devem ser accessiveis, „quanto á lingua em que fõrem escriptas e quanto ao assumpto, á todas as intelligencias.

„Parthenon Litterario. 30 de Abril de 1879.

*Appollinario Porto Alegre.*“

Tomando a palavra o Snr. Bernardino dos Santos, em opposição á ultima parte do projecto, diz — que louvando o sentimento patriotico que anima o seu autor, não póde comtudo deixar de protestar quanto a dadiva de cem volumes a que se refere o § 2º do projecto por que, não dispondo o *Parthenon* senão de uma limitada bibliotheca, obtida com o maior sacrificio, não deve desfazer-se do que á custo angariou pedindo a todos, para remetter, em pura perda, á localidades, onde a instrucção é nulla, onde não ha sequer uma escola, livros, que são necessarios a esta sociedade.

Respondendo, o Snr. Appollynario sustenta o projecto, patentea que foi por meio da idéa consignada no projecto que Franklin nos Estados Unidos espalhou a instrucção e levou aos centros incultos da grande republica o amôr pelas letras e seu consequente desenvolvimento; que não é nova, e que se o *Parthenon* tomando a si a tarefa de pugnar pelo grande desenvolvimento que almeja, conhece que materia consignada no projecto não é aceitavel — trahe os programmas que apresentou porque deixa de levar a luz aos centros em trévas para unicamente monopolisal-a, onde, com mais facilidade se encontrará meios de cultivar o espirito e amôr ás letras.

Concluindo, protesta sustentar o projecto, certo de que presta um real serviço á causa da democracia.

Orarão ainda sobre o assumpto o Snr. Delphim de Carvalho, que se manifestou infenso ao projecto — na parte relativa á doação de livros ás Camaras, e abundando em largas considerações termina dizendo que apreciando a

grandeza da idéa, não pôde todavia dar o seu voto ao projecto.

O Snr. Presidente, reconhecendo o adiantamento da hora, adiou a discussão, ficando com a palavra os Snrs. Achylles, Appollynario, Appelles, Alencar e Bernardino dos Santos.

Aproximando-se o dia em que a sociedade deve solemnizar o seu anniversario, o Sr. Presidente nomeia os Snrs. Guerreiro, Augusto Totta, Leite de Castro Junior, Bernardino dos Santos, Domingues Filho e Affonso Duarte, afim de promoverem os meios de sua realização.

E nada mais havendo a tratar-se o Snr. Presidente levantou a sessão ás 10<sup>1</sup>/<sub>2</sub> horas da noute.